

CORPO SEM ÓRGÃOS AFECTIVO-INTENSIVO: A VIDA NÃO É UM PRIVILÉGIO DO ORGÂNICO

Clayton Moura¹

resumo

O objetivo deste artigo é explicitar o corpo sem órgãos, conceito desenvolvido na filosofia de Gilles Deleuze, e, em suas obras com Félix Guattari, a partir da aliança entre afeto e intensidade, como movimento decorrente de variações agenciadas nos encontros dos corpos. Na perspectiva de um corpo sem órgãos, ocorre uma mudança e uma transformação radical da noção que temos de corpo. Há uma ruptura com as ideias de corpo orgânico, organizado, previsível e determinado por funções, além de um corpo subjugado, definido, controlado e utilitário, a serviço do imperativo dominante. A compreensão de um corpo sem órgãos, refere-se a uma prática que lança os corpos na experimentação e no *continuum* da vida. Um corpo que se abre para a criação de modos outros de estar no mundo em contínua transmutação, onde inorgânico e anorgânico intensificam a vida nos corpos.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo sem órgãos. Afeto. Intensidade. Experimentação. Vida.

abstract

The aim of this article is to explain the body without organs, a concept developed in the philosophy of Gilles Deleuze, and in his works with Félix Guattari, based on the alliance

¹ Licenciado em Química pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Graduado em Psicologia pela Unifanor/Wyden e Mestre em Artes pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: claytonpsique@hotmail.com

between affection and intensity, as a movement resulting from variations brought about in the encounters of bodies. From the perspective of a body without organs, there is a radical change and transformation in our notion of the body. There is a break with the ideas of an organic, organized, predictable and function-determined body, in addition to a subjugated, defined, controlled and utilitarian body, in the service of the dominant imperative. The understanding of a body without organs refers to a practice that launches bodies into experimentation and into the continuum of life. A body that opens itself to the creation of other ways of being in the world in continuous transmutation, where inorganic and inorganic intensify the life in bodies.

KEYWORDS: Body without organs. Affection. Intensity. Experimentation. Life.

O objetivo deste trabalho é apresentar o corpo sem órgãos em Deleuze e Guattari, a partir da aliança entre afeto e intensidade, como movimento decorrente de variações desencadeadas no movimento de experimentação corpórea. Tal conceito foi criado originalmente por Antonin Artaud no teatro da crueldade. No entanto, Deleuze e Guattari, ao se apropriarem de tal concepção, recusam que o corpo sem órgãos seja uma noção ou mesmo um conceito, pois para eles o corpo sem órgãos é antes de qualquer coisa, uma prática (DELEUZE; GUATTARI, 1996). "É uma experimentação não somente radiofônica, mas biológica, política, atraindo sobre si censura e repressão" (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 10). Com isso, o corpo sem órgãos é uma prática que dispensa qualquer regime de identificação, subjetivação e interpretação. Pois, o corpo sem órgãos é uma produção que lança o corpo no *continuum* da vida.

Isso significa que se trata de um corpo deslocado de um organismo. Noção de corpo que estamos habituados no cotidiano. Um corpo organizado, previsível e determinado por funções, fadado a estagnação. Na perspectiva de Deleuze e Guattari (1996, p. 10), "*Corpus e Socius*, política e experimentação. Não deixarão você experimentar em seu canto". Isso porque vivemos em uma sociedade e em um mundo, onde tudo em absoluto, deve ser controlado e definido de acordo com o imperativo dominante e incólume a qualquer mudança. Assim, o corpo que experimenta e cria, deve ser erradicado do campo social e político, no qual os corpos são desvitalizados e não passam de meras carcaças cadavéricas.

No entanto, quando Deleuze e Guattari abordam um corpo sem órgãos, estão propondo um corpo diametralmente oposto. Trata-se de um corpo que experimenta e se abre para a criação de modos outros de estar no mundo, em contínua transmutação. Um corpo sem órgãos não tem fronteiras, forma, contorno, é puro movimento e intensidade. No livro, Francis Bacon: Lógica da Sensação, Deleuze (2007, p. 51) expõe:

É um corpo intenso, intensivo. Ele é percorrido por uma onda que traça no corpo níveis ou limiares segundo as variações de sua amplitude. O corpo, portanto, não tem órgãos, mas limiares ou níveis. De modo que a sensação não é qualitativa nem qualificada; ela possui apenas uma realidade intensiva que nela não determina mais dados representativos, mas variações alotrópicas. A sensação é vibração.

Podemos depreender disso, que o corpo sem órgãos segunda tal compreensão do autor não possui matéria e forma definidas, atuando como um corpo que experimenta continuamente os atravessamentos no seu trânsito no mundo. Desse modo, o “CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 13). O corpo sem órgãos dissolve o organismo e sua estrutura, por forças intensas que conduzem o corpo a experimentação. Os órgãos não desempenham uma função, mas um movimento puramente intensivo. A vida no corpo vibra e desfaz qualquer corrente que mantém os corpos como meramente utilitários.

Este é o objetivo do sistema dominante ao creditar ao corpo uma composição orgânica e organizada, o cumprimento de um funcionamento útil para tornar os corpos escravos da arquitetura socioeconômica. No prisma de Deleuze (2007), a vida emerge em um movimento não orgânico, visto que organismo não se coaduna com a vida, pois ele é seu carcereiro. Desse modo, para o filósofo francês, um corpo integralmente vivo, seria, portanto, um corpo não orgânico. Assim sendo, um modo de constatar a vitalidade não orgânica do corpo, é pela sensação, que ao atingir “o corpo através do organismo, toma um movimento excessivo e espasmódico, rompe os limites da atividade orgânica. Em plena carne ela é diretamente levada pela onda nervosa ou emoção vital” (DELEUZE, 2007, p. 52). Na compreensão do autor, esse movimento da sensação é um ponto chave ou mesmo instante de virada, para deslocar o organismo e fazer emergir o corpo sem órgãos e as forças intensivas que o atravessa, pois a sensação reencontra forças ativas no corpo, um “atletismo afetivo”, como diz Deleuze, que uma vez efetuada no corpo arranca a sensação da representação e a converte em real (DELEUZE, 2007). Assim, afirma Deleuze (2007, p. 126), “a representação é antes de tudo orgânica, é porque a forma da representação exprime antes de tudo a vida orgânica do homem como sujeito”. Desse modo, a sensação real no corpo o vitaliza e o lança na experimentação, na qual nada mais é previsível ou preliminarmente determinado. É nessas “condições tais que o corpo sem órgãos substitui o organismo, a experimentação substitui toda interpretação da qual ela não tem mais necessidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 25).

Desse modo, um corpo que experimenta já se encontra em um deslocamento outro, que não aquele de um corpo orgânico e organizado, fora da composição habitual, em vista disso, um corpo sem órgãos em processo. Por conseguinte, sua composição se transmuta, onde o corpo sem órgãos constitui os corpos com suas forças intensivas em um trânsito outro, no entanto, deslocados de uma extensão que o cristaliza e determina. “Trata-se de criar um corpo

sem órgãos ali onde as intensidades passem e façam com que não haja mais nem eu nem o outro”, não há significação ou qualquer modo de identificação, somente “singularidades que não podem mais ser consideradas pessoais, intensidades que não se pode mais chamar de extensivas” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 18). Ainda na perspectiva dos autores, são

[...] fluxos de intensidades, seus fluidos, suas fibras, seus contínuos e suas conjunções de afectos, o vento, uma segmentação fina, as micro-percepções substituíram o mundo do sujeito. [...] Não é mais um Eu que sente, age e se lembra, é “uma bruma brilhante, um vapor amarelo e sombrio” que tem afectos e experimenta movimentos, velocidades” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 25).

Nesse movimento, qualquer relação de transcendência se dissolve, qualquer modo previsível ou instituído é eliminado. O que se apresenta são “forças que passam entre as partes, provocam uma mudança de estado e nelas criam alguma coisa: o afecto” (DELEUZE, 2011, p. 164). O afecto apresenta um fantástico sentimento de natureza estrangeira, visto que “não é um sentimento pessoal, tampouco uma característica, ele é a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v. 4, p. 21). Desse modo, o atravessamento afectivo nunca se refere a um sentimento ou emoção ratificado em definições sociolinguísticas, mas aquilo que opera fora dos ditames conhecidos pelo humano e pelo social, tendo assim, seu lugar de sujeito deslocado. Trata-se de movimentos desencadeados pelos encontros dos corpos no enlaçamento “de afetos com velocidades variáveis, precipitações e transformações, sempre em correlação com o fora” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 18).

O afecto emerge para se aliar as intensidades no engendramento forças desterritorializantes. Em que “uma circulação de afectos impessoais, uma corrente alternativa, que tumultua os projetos significantes, tanto quanto os sentimentos subjetivos, [...] uma irresistível desterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v. 4, p. 12). São afectos que “atravessam o corpo como flechas”, atuando na criação de um corpo sem órgãos enquanto “armas de guerra” na destruição do organismo. Assim sendo, uma ação de desterritorialização agenciada pelo afecto (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v. 5, p. 18).

Um movimento de dissolução do organismo e de fissuras na experimentação do corpo mergulhado na matéria não formada, em que a vida se revela muito além de um privilégio restrito ao orgânico. Como apontam Deleuze e Guattari, a dimensão orgânica não esgota “a Vida: o organismo é sobretudo aquilo a que a vida se opõe para limitar-se, e existe vida tanto mais intensa, tanto mais poderosa quanto é anorgânica” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v. 5, p. 217). Ainda, segundo autores,

Se tudo é vivo, não é porque tudo é orgânico e organizado, mas, ao contrário, porque o organismo é um desvio da vida. Em suma, uma intensa vida germinal inorgânica, uma poderosa vida sem órgãos, um Corpo tanto mais vivo quanto é sem órgãos, tudo que passa entre os organismos. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v. 5, p. 212).

Assim, o afecto surge como uma força potente para intensificar o movimento do corpo sem órgãos na medida que supera a limitação do orgânico para compor forças intensivas com o inorgânico e o anorgânico. Nessa perspectiva, “um afecto inorgânico, muito mais poderoso, que percorre esse corpo vital [...] A vitalidade não-orgânica e a relação do corpo com forças ou poderes imperceptíveis que dele se apossam ou dos quais ele se apossa” (DELEUZE, 2011, p. 168-169). Na concepção de Deleuze e Guattari (1995, p. 57-58), a matéria seria um “Corpo sem Órgãos, quer dizer, o corpo não-formado, não-organizado, não-estratificado ou desestratificado, e tudo o que escorria sobre tal corpo, partículas submoleculares e subatômicas, intensidades puras, singularidades livres pré-físicas e pré-vitais”. Entendimento que nos conduz a uma compreensão anorgânica dos processos da vida. No entanto, o movimento descrito não é passível de uma observação clara e objetiva, pois para Deleuze e Guattari (1997), o movimento intensivo e afectivo da matéria, independente da sua natureza não pode ser percebido. “O movimento está numa relação essencial com o imperceptível, ele é por natureza imperceptível. É que a percepção só pode captar o movimento como uma translação de um móvel ou o desenvolvimento de uma forma” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v. 4, p. 74). Isso ocorre, pois o movimento é pura intensidade e afecto, onde encontram-se além ou aquém de um limiar de percepção (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Na ótica de Deleuze e Guattari (1997), o movimento só acontece no infinito, pois é intensivo e afectivo, desbravadores de devires, sempre em linha de fuga da ordem dominante, da organização e do orgânico. Talvez, uma maneira de resolver esse impasse da percepção, seria tentar captar o movimento entre o plano de imanência e o plano de organização, pois poderíamos captar o imperceptível como instante de passagem, um devir, perceptível no entre dos planos de imanência e transcendência, mas no instante em que se perceber, o devir já escapa com grande velocidade. Ou, perceber seu efeito enquanto um novo modo de vida inventado, engendrado pelos afectos e as intensidades que atravessaram o corpo. Desse modo, não seria uma percepção direta, mas indireta pela transmutação que desencadeia no corpo, na impressão de novos deslocamentos no mundo e sua atualização nos corpos. A emergência de um corpo sem órgãos é um movimento de passagem, pois ao corpo sem órgãos nunca se chega ou termina de chegar, o corpo sem órgãos é um limite (DELEUZE; GUATTARI, 1996). Isso parece ser muito abstrato e afastado do real, no entanto, é exatamente o contrário, como observam Deleuze e Guattari (1997, v. 5, p. 212-213):

Ora, não é porque o abstrato engendraria por acaso ou por associação motivos orgânicos. Precisamente porque nele a pura animalidade é vivida como inorgânica, ou supra-orgânica, pode tão bem combinar-se com a abstração, e mesmo combinar a lentidão ou o pesadume de uma matéria com a extrema velocidade de uma linha que é unicamente espiritual. Essa lentidão pertence ao mesmo mundo da extrema velocidade: relações de velocidade e lentidão entre elementos, que de toda maneira excedem o movimento de uma forma orgânica e a determinação dos órgãos. É ao mesmo tempo que a linha escapa da geometria, graças a uma mobilidade fugitiva, e que a vida se desprende do orgânico, por um turbilhão no mesmo lugar e permutador. Essa força vital própria da Abstração é que traça o espaço liso. A linha abstrata é o

afecto de um espaço liso, assim como a representação orgânica era o sentimento que presidia o espaço estriado. Por isso, as diferenças háptico-óptico, próximo-distante, devem ser subordinadas à diferença entre a linha abstrata e a orgânica, encontrando seu princípio numa confrontação geral dos espaços. Além disso, a linha abstrata não pode ser definida como geométrica e retilínea. [...] Uma linha de direção variável, que não traça qualquer contorno e não delimita forma alguma...

A vida não se origina da gestão do orgânico, mas das intensidades agenciadas pelo entre da relação do orgânico e do inorgânico, que cria as condições para o engendramento de novos modos vida. Segundo Deleuze e Guattari (1997, v. 5, p. 17), assim como, o orgânico não esgota vida, posição já exposta anteriormente, “não há razão para pensar que os estratos físico-químicos esgotem a matéria: existe uma Matéria não formada, submolecular”. A vida é antes de tudo matéria não organizada, matéria não formada em pleno movimento de variação. Para Deleuze (2016, p. 26), essa é a dinâmica do corpo sem órgãos, que “ignora e repudia o organismo, ou seja, a organização dos órgãos em extensão, mas forma uma matriz intensiva que se apropria de todos os órgãos em intensidade”. Uma linha abstrata plena e livre para novas criações, inventa novos movimentos que produzem vida continuamente, uma vida anorgânica.

O corpo sem órgãos abre caminho para a multiplicidade, sendo que ao desfazer fronteiras ou não as possuir, o atravessamento com o inorgânico e o anorgânico participa da criação de novos modos de existência por construir alianças que o organismo e o orgânico encontram-se limitados para interagir e realizar. Ao extrapolar tais delimitações as novas variáveis de relação transmutam para a criação de formas singulares de vida o que revoluciona vitalmente e politicamente os processos de estar no mundo, dando origem a novas existências para muito além do orgânico. Um movimento de caos que potencializa os corpos a trânsitos outros na esfera da vida. Desse modo, a vida não é mais mesma e, muito mais do que isso, faz emergir o engendramento processual que transforma radicalmente a compreensão de vida. Tal compreensão coloca a vida em criação continuamente.

Desse modo, a vida não é orgânica, mas um fluxo do entre dos corpos que os coloca em variação intensiva. Na compreensão de Deleuze (2007, p. 130), “é uma vida, mas a vida a mais bizarra e a mais intensa, uma vitalidade não orgânica”. Não é o orgânico que tem vida, mas o inorgânico que tem por princípio a criação. O inorgânico é pleno de vida. Pois, não é um limite para a vida, mas ao contrário, uma intensidade afetiva que compõe com outras formas de vida inorgânicas e anorgânicas que se ampliam a partir das experimentações no encontro com os outros corpos. Um modo de fazer corpo sem órgãos, pois sua natureza não é orgânica e organizada. “Poderosa vida não orgânica que escapa dos estratos, atravessa os agenciamentos, e traça uma linha abstrata sem contorno, linha da arte nômade e da metalurgia itinerante” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v. 5, p. 223)

O problema não é o orgânico em si, mas a estabilidade e a cristalização ao qual se habituaram

em classificá-lo, mantendo-o constante e imutável ao longo de seu trânsito no mundo. Conservando funções estagnadas e modos de ação previsíveis e determinados. Onde o encontro com corpos de outra natureza, o deixaria incólume. O orgânico é apenas um dos componentes da multiplicidade e passível de ser transformado a qualquer instante, e sempre processual. O inorgânico não é o contrário do orgânico, mas o contrário de uma organização que determina o funcionamento pressuposto do orgânico. Este orgânico e organizado possui funções que a intensidade afectiva do inorgânico faz desarranjar e coloca-os na experimentação modos outros de pleno viver. Um mergulho na matéria não formada. “É que a matéria não formada, o phylum, não é uma matéria morta, bruta, homogênea, mas uma matéria-movimento que comporta singularidades ou hecceidades, qualidades e mesmo operações (linhagens tecnológicas itinerantes)” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v. 5, p. 223). Essa matéria-movimento que é desconsiderada no organismo orgânico. Na ótica de Deleuze e Guattari (1997, v. 5, 229), refere-se a um movimento revolucionário, “tanto mais abstrata quanto é real. Um regime que não passa mais pelo significante nem pelo subjetivo”

Só esta existência é capaz de cobrir o plano de imanência, de adquirir um movimento infinito, de produzir e de reproduzir intensidades [...] não há critérios senão imanentes, e uma possibilidade de vida se avalia nela mesma, pelos movimentos que ela traça e pelas intensidades que ela cria, sobre um plano de imanência; é rejeitado o que não traça nem cria. Um modo de existência é bom ou mau, nobre ou vulgar, cheio ou vazio, independente do Bem e do Mal, e de todo valor transcendente: não há nunca outro critério senão o teor da existência, a intensificação da vida (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 97-98).

Esse movimento de composições de forças no plano de imanência, sempre em multiplicidades, que toma o corpo ou este toma essas forças é uma influência decisiva do filósofo holandês Benedictus de Spinoza (1632-1677), na obra dos autores em questão, fundamentalmente para Deleuze. E, isso não é diferente, na compreensão prática do corpo sem órgãos, em que

Um corpo não se define pela forma que o determina, nem como uma substância ou sujeito determinados, nem pelos órgãos que possui ou pelas funções que exerce. [...] [U]m corpo se define somente por uma longitude e uma latitude: isto é, pelo conjunto dos elementos materiais que lhe pertencem sob tais relações de movimento e de repouso, de velocidade e de lentidão (longitude); pelo conjunto dos afectos intensivos de que ele é capaz sob tal poder ou grau de potência (latitude). Somente afectos e movimentos locais, velocidades diferenciais (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v. 4, p. 47).

Depreende-se assim, um “corpo em devir, em intensidade, como poder de afetar e ser afetado” (DELEUZE, 2011, p. 169). No livro, *Lógica do sentido* (2015), Deleuze deixa claro sobre esse movimento do corpo: “tudo é paixão e ação na relação tensa das partes despedaçadas e do corpo sem órgãos” (DELEUZE, 2015, p. 197). Em vista disso, o corpo sem órgãos, se constitui “abstratamente mas de modo real, nas relações de velocidade e de lentidão entre elementos não formados, e nas de composições de afectos intensivos correspondentes” (DELEUZE;

GUATTARI, 1997, v. 5, p. 222). Em *Mil Platôs*, volume 4, Deleuze e Guattari (1997, v. 4, p. 42), incluem mais subsídios a essa noção prática de corpo.

Às relações que compõem um indivíduo, que o decompõem ou o modificam, correspondem intensidades que o afetam, aumentando ou diminuindo sua potência de agir, vindo das partes exteriores ou de suas próprias partes. Os afectos são devires. [...] A latitude é feita de partes intensivas sob uma capacidade, como a longitude, de partes extensivas sob uma relação. Assim como evitávamos definir um corpo por seus órgãos e suas funções, evitamos defini-lo por características Espécie ou Gênero: procuramos enumerar seus afectos.

Desse modo, os filósofos franceses deixam claro, mais uma vez, que um corpo sem órgãos, é um composto de afectos e intensidades. “Você é longitude e latitude, um conjunto de velocidades e lentidões entre partículas não formadas, um conjunto de afectos não subjetivados” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v. 4, p. 49-50). Um movimento que segue em acontecimento ou criação de hecceidades. Em *Diálogos*, livro escrito por Deleuze e Parnet (1998, p. 109), temos:

As hecceidades são apenas graus de potência que se compõem, às quais correspondem um poder de afetar e ser afetado, afectos ativos e passivos, intensidades. [...] Uma coisa, um animal, uma pessoa só se definem por movimentos e repousos, velocidades e lentidões (longitude), e por afectos, intensidades (latitude). Já não há formas, mas relações cinemáticas entre elementos não formados; já não há sujeitos, mas individualizações dinâmicas sem sujeito, que constituem agenciamentos coletivos. Nada se desenvolve, mas coisas chegam atrasadas ou adiantadas, e entram em determinado agenciamento segundo suas composições de velocidade. Nada se subjetiva, mas hecceidades se delinham segundo as composições de potências e afectos não subjetivados.

Esse encontro que coloca os corpos em devir, é um movimento de vitalidade e criação no atravessamento afectivo e intensivo. Instante que é experimentado na sensação. Segundo Deleuze e Guattari (1997, p. 225), refere-se a “uma zona de indeterminação, de indiscernibilidade, como se coisas, animais e pessoas [...] tivessem atingido, em cada caso, este ponto (todavia no infinito) que precede imediatamente sua diferenciação natural. É o que se chama um afecto”. Um movimento que paradoxalmente não iguala um corpo aos outros corpos em uma indiferenciação, mas em “um devir que compreende, ao contrário, o máximo de diferença enquanto diferença de intensidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 45).

Deleuze e Guattari (1996), apontam o ovo como exemplo de um corpo sem órgãos, pois o consideram contemporâneo por excelência, meio de experimentação e intensidade pura, sendo um princípio de produção. E, também, o utilizam como referência de diferenciação dos corpos, ao explicitar a existência de uma convergência crucial “entre o ovo biológico e o ovo psíquico ou cósmico: o ovo designa sempre esta realidade intensiva, não indiferenciada, mas onde as coisas, os órgãos, se distinguem unicamente por gradientes, migrações, zonas de vizinhança” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 27). Desse modo, o ovo se tornou um exemplo clássico para pensar o corpo sem órgãos, que como o ovo, “é atravessado por eixos e limiares,

por latitudes, longitudes e geodésicas, é atravessado por gradientes que marcam os devires e as passagens, as destinações daquele que aí se desenvolve. Nada é aqui representativo, tudo é vida e vivido” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 34). Refere-se a devires que continuamente desarranjam os organismos, deslocam o sujeito e instauração de linhas de fuga, desfazem fronteiras, para alcançar

um continuum de intensidades que só valem por si mesmas, encontrar um mundo de intensidades puras, em que todas as formas se desfazem, todas as significações também, significantes e significados, em proveito de uma matéria não formada, de fluxos desterritorializados, de signos assigificantes (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 27).

Para Deleuze e Guattari (1996), o processo de dissolução do organismo não se relaciona com uma autodestruição, mas campos de abertura ao corpo para ligações agenciais que permitem novos arranjos, justaposições e combinações, em disseminações intensivas que desfazem estruturas organizadas e proporcionam modos outros de criar corpos no fluxo cósmico. Mobilizar intensidades incessantes no engendramento de um CsO que “revela pelo que ele é, conexão de desejos, conjunção de fluxos, continuum de intensidades” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 24).

Absolutamente um coletivo que agencia uma multiplicidade de partículas humanas, animais, vegetais, minerais, orgânicas, inorgânicas, naturais, artificiais, fundamentalmente um campo de potenciais (DELEUZE; GUATTARI, p. 1996). Nessa ótica, “o corpo sem órgãos nunca é seu, o meu... É sempre um corpo. [...] É uma involução, mas uma involução criativa e sempre contemporânea” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 28). Transitar por experiências outras do viver, em que “à existência daquele que crê no mundo, não propriamente na existência do mundo, mas em suas possibilidades em movimentos e em intensidades, para fazer nascer ainda novos modos de existência, mais próximos dos animais e dos rochedos” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 99).

O CsO é uma prática política da experimentação e que possibilita a criação de modos outros de transitar no mundo. “Esse corpo é tanto biológico quanto coletivo e político, é sobre ele que os agenciamentos se fazem e se desfazem, é ele que traz as pontas de desterritorialização dos agenciamentos ou as linhas de fuga” (DELEUZE, 2016, 134). Deleuze (2016), ainda ratifica que a denominação corpo sem órgãos, refere-se justamente, a sua oposição “a todos estratos de organização, o do organismo, mas também às organizações de poder” (DELEUZE, 2016, 134-135). É uma política justamente pela ruptura com o instituído e a ordem repressora dominante que define e cristaliza organismos. “O corpo sem órgãos é um corpo afetivo, intensivo, anarquista, que só comporta polos, zonas, limiares e gradientes” (DELEUZE, 2011, p. 168).

considerações finais

Afectos e intensidades são sem dúvida os modos de constituição de um corpo sem órgãos. Sendo essa aliança de vitalidade que imantam o corpo de um movimento experimental que dá a consistência para a efetivação de um mergulho dos corpos naquilo que não está dado e completamente imprevisível. Na ocorrência de um encontro abre a possibilidade de que algo diferente ocorra, pois é no atravessamento do diferente que o afecto emerge com sua força de desterritorialização, que lança os corpos em uma linha de fuga, dessa realidade estanque e ausente de vida. Esta, por sua vez, cerceada pelas correntes dos processos de subjetivação, interpretação, representação e significação, que condicionam os corpos a pobreza de um estado meramente reduzido de sujeito, em que nada de novo acontece. No entanto, é pelo atravessamento afectivo, que o desconhecido e o estrangeiro, cruzam os corpos e os estimulam a modos outros de trânsito na vida. É, nesse momento, que a vida se apresenta, e os corpos abandonam uma experiência mortificante, para as intensidades que povoam o corpo sem órgãos e o mergulho na sensação como movimento vívido no corpo. Como Deleuze e Guattari (1997, p. 217), tomam emprestado de Cézanne, “a sensação não é colorida, ela é colorante”. Essa é a experimentação radical da vida no corpo sem órgãos, onde o orgânico não é nada diante da vitalidade do inorgânico e anorgânico.

referências

- DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon**: Lógica da Sensação. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. 2.ed. São Paulo: 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DELEUZE, Gilles. **Dois Regimes de loucos**. 1.ed. São Paulo: 34, 2016.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 1. ed. São Paulo: 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. 1.ed. São Paulo: 34, 1995, v. 1.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. 1.ed. São Paulo: 34, 1996, v. 3.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. 1.ed. São Paulo: 34, 1997, v. 4.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. 1.ed. São Paulo: 34, 1997, v. 5.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: Capitalismo e esquizofrenia. 1.ed. São Paulo: 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. 1. ed. São Paulo: Escuta, 1998.